

Domingo, 7 de Junho de 1959

RUBEM BRAGA

UMA SOPA

A HISTORIA é verdadeira; e nisso é que reside o seu caráter fantástico. Um amigo meu ia passando pela praça Quinze quando um negrinho de dez anos, mais ou menos, lhe estendeu a mão:

- Moço, me dá três cruzeiros para tomar uma sopa?
- Tomar uma sopa?
- E' sim senhor.

Meu amigo olhou para o moleque com um ar irônico, mas o moleque estava sério e continuou sério.

— Dou até mais, mas quero ver você tomar essa sopa. Meu amigo é desses sujeitos desagradáveis que acredita que na verdade quem dá aos pobres empresta a Deus, mas quer saber o que Deus faz com o dinheiro emprestado.

— Eu vou tomar ali, moço — e o garoto apontou o dinheiro sujo para os lados da rua São José.

- Então quero ver.
- Uai...

O menino saiu andando com os cinco cruzeiros na mão; o homem foi atrás. Pensando que tinha um filho mais ou menos daquela idade, e na diferença de classe, e destino. Sentindo-se um pouco cruel em querer fiscalizar o emprêgo daquela esmola. Será que, tão pequeno, o menino já tomava cachaça? Ou seria apenas um bôlo ou um refresco inocente? Lá ia o menino em sua frente, com suas perninhas magras. O homem ia dobrar uma esquina quando o menino disse:

- E' aqui, moço.

Surpreso, meu amigo parou; e entrou, com o garoto, em um beco sórdido, desses que o novo traçado das ruas vai eliminando. Ali, entre duas casas em demolição, havia um «fregê» sombrio; o garoto sentou-se, e bateu a mãozinha na mesa com decisão e alegria:

- Uma sopa!

E a sopa, a inacreditável sopa que depois de tantos anos de inflação custa três cruzeiros, veio quente, amarelada, imensa, em um prato encardido e desbeigado. Sopa de quê? A pergunta não se faz; sopa de três cruzeiros. Era uma sopa verdadeira, no fim de uma história verdadeira, embora sem graça, nem moral. A não ser este comentário que um português gordo que ali estava fez, olhando o menino e piscando o olho para o meu amigo:

- Anda depressa, oh mítido. Essa sopa vai acabar!